

**NOVA GERAÇÃO** FRANCISCA PEREIRA DOS SANTOS, A CAMPEÃ NACIONAL DE 2010, JÁ CRESCERAM COM O SURF FEMININO. MAS HOUVE UMA GERAÇÃO DE PIONEIRAS, ANTES DELA, QUE FOI PARA DENTRO DE ÁGUA QUANDO NENHUMA MULHER O OUSAVA



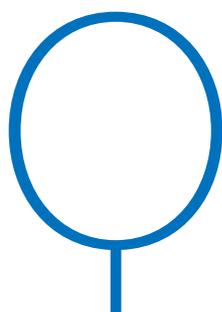


A **AREIA**  
SURFISTAS

# Onda delas

Longe vão os tempos em que as únicas raparigas  
no mundo do *surf* eram... as namoradas dos surfistas.  
Hoje, em Portugal, a presença feminina  
dentro de água já é uma constante

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **JOSÉ VENTURA**



Quando o surf era um mundo de homens, andavam lá no meio umas ‘infiltradas’. Durante anos, no nosso país, eram apenas duas — Teresa Abraços e Patrícia Lopes —, que foram postas a competir sistematicamente uma contra a outra. Antes disso, só Té (Teresa) Ayala, hoje com 52 anos, se aventurava nas ondas, numa altura em que este era um universo

razoavelmente mal visto, associado a pessoas sem nada para fazer e conotado com as drogas duras. Nada disso impediu Teresa ou Patrícia, no entanto, de sonharem com a proeza de se porem em pé em cima da onda ou de sentirem a liberdade e a adrenalina que o surf dá... Depois, uma vez

‘agarradas’, a modalidade funciona de facto como um vício... Mas de um estilo de vida saudável, ligado à natureza.

Teresa lembra-se como se fosse hoje. Aos 14 anos — há três décadas —, via, da janela de casa, os poucos surfistas que havia no mar e aquilo fascinava-a. Ia de bicicleta observá-los, todas as tardes, até à praia. Nesse verão, começou “a fazer carreirinhos dentro de água”, na praia de São João do Estoril, na linha costeira de Lisboa. E como sempre foi teimosa — ou perseverante — e achava incrível ver aqueles homens de pé em cima de umas tábuas, decidiu tentar imitá-los. Na altura (anos 80), não se vendiam pranchas em Portugal, mas para Teresa isso não foi um problema. Adaptou-se, e começou a entrar no mar em cima de um colchão Repimpa — uma marca de colchões insufláveis que as pessoas usavam para se bronzear dentro de

**PRECURSORA** TERESA ABRAÇOS FOI UMA DAS PRIMEIRAS MULHERES A SURFAR EM PORTUGAL. COMEÇOU HÁ 30 ANOS, TINHA 14. HOJE CONTINUA A SURFAR, COM O MARIDO, QUE CONHECEU NAS ONDAS DO GUINCHO



água. Se não era fácil fazer *bodyboard* com aquilo, imagine-se surf... Mas Teresa meteu na cabeça que se havia de pôr em pé em cima do colchão... E assim foi. “Meti-lhe mais ar, para ele ficar rijo, fui a um sapateiro e pedi-lhe que pusesse uma ilhós no colchão (e assim, ganhou um *chop* — uma ‘treia’ que se põe na prancha, para ela não fugir) — e tanto tentei que consegui pôr-me em pé.” O Guincho passou a ser a sua segunda casa.

Quando Teresa comprou a primeira prancha, um ano mais tarde, no Rio de Janeiro, teve de reaprender a surfar — era tudo tão diferente... Mas ficou logo “completamente apaixonada pelas sensações de êxtase e de contacto com o ar livre” que este desporto dá. Ao fim de semana, sempre que podia, surfava os dois dias. “Na praia da Poça, na Azarujinha...” Os estudos nunca ficaram para

trás. Era, de resto, condição *sine qua non* para os pais a deixarem à vontade. Até porque já tinha que lutar contra a imagem do surf associada a pessoas que não faziam nada na vida e às drogas duras, e ao facto de quase não haver mulheres dentro de água. “Lembro-me de ir para a praia com a prancha debaixo do braço, e de ouvir bocas machistas... Pessoas mais velhas a pedirem-me para não ir para a água, com medo que eu me aleijasse... E o nadador-salvador ver-me entrar e vir para a beira-mar, como quem diz: ‘É rapariga, vai dar trabalho...’”

Mas o jeito para o surf começou a notar-se e, quando decidiu participar no primeiro campeonato nacional, no Guincho, em 1989, descobriu que havia outra mulher surfista em Portugal: Patrícia Lopes.

Patrícia vinha da praia ao lado, São Pedro do Estoril. Para ela, entrar naquele mundo masculino não foi tão duro, porque ela “era uma raridade”, conta. “Dentro de água, não havia miúdas, e eles queriam que houvesse...” Atualmente professora de educação física, Patrícia, de 44 anos, entrou no surf através do irmão. Quando ele começou a apanhar ondas — tinha ela 18 anos — pedia-lhe a prancha emprestada e ia para dentro de água. “Aprendíamos observando, a olhar uns para os outros — ninguém nos ensinava”, recorda. “As pranchas e os fatos eram caríssimos. Eu surfava, sem fato, no inverno, e morria de frio... Tinha câibras e tudo...” Herdou o fato velho do irmão e, para ganhar dinheiro, foi fazer as vindimas para a Suíça. Depois chegou a competição. E os primeiros patrocínios.

Enquanto estudou, passava todas as tardes dentro de água. E, nas férias, estava sempre onde estavam as ondas. No clube de surf de São Pedro do Estoril incentivaram-na a entrar em concursos, até com rapazes. A competição tornou-se rapidamente em algo muito sério. Naturalmente competitiva, Patrícia ganhou tudo o que havia para ganhar. Conquistou 11 títulos de campeã nacional e foi a primeira surfista portuguesa a competir no circuito internacional. “Cá, eu era mais arrojada que as outras, mais radical, mais parecida com os rapazes... Tinha mais rapidez na onda. Fiquei conhecida por surfar ondas grandes, de 3 metros, no Guincho e na Ericeira. Quando comecei a ganhar tudo em Portugal, isto deixou de ter interesse para mim.”

Terminada a universidade, pediu o estatuto de atleta de alta competição no surf e começou a competir internacionalmente. Iniciava-se assim, aos 23 anos, no circuito mundial, com um novo desafio: “Concorrer com as melhores do mundo, ser como elas.” Foram mais de dez anos nesta vida, viajando por todo o lado, da Austrália ao Havai, do Japão à



Teresa tinha tanta vontade de aprender a surfar que decidiu que se meteria de pé em cima de... um colchão Repimpa



África do Sul, passando pelo Brasil, Estados Unidos, França, Espanha... Acumulou títulos, foi campeã europeia pela seleção portuguesa, em 1997, juntamente com Teresa Abraços e Filipa Leandro, até... que se fartou. “Acho que fui a surfista do mundo inteiro que mais competiu”, diz. “Não abandonei a competição por falta de resultados — bem pelo contrário. Saturei-me. Das condições do mar em que põem as mulheres a prestar provas, do *prize-money*, que continua a ser um terço do dos homens, dos patrocínios influenciarem as votações finais... “A competição é um mundo cão”, garante.

Embevecida a ouvi-la, Catarina, a sobrinha de 15 anos, confessa que “gostava imenso” de seguir o rasto da tia na espuma das ondas. “Mas não é fácil”, admite, ela que nem sequer tem o apoio do pai... Começou aos 10 anos, com a tia a empurrá-la e a posicioná-la nas ondas do Algarve. Principiou com uma *longboard*, uma prancha 7’2 (altura em pés), passou para uma 6’0 e agora surfa numa 5’11. “Quanto maior a prancha, mais é um ‘bacalhau’ que vai sempre em frente”, brinca Patrícia, que tem todo o gosto em ensinar o que sabe. Recém-chegada das Maldivas, de umas férias de 10 dias, continua a escolher destinos de surf. “Sempre.”

**É mais perigoso fazer a 2.ª Circular todos os dias...** Teve muitas situações complicadas dentro de água, mas nada a faz pensar duas vezes quando o que está em causa é fazer surf. “Tanta competição em que o mar está cheio de tubarões...!”, exclama. “Se eu fosse pensar nisso, não fazia nada...”, diz, descontraída. A mesma descontração com que conta: “No último ano que fui ao Havai, ia morrendo... A corrente era gigante, as ondas de três metros, e eu numa prancha para um metro... Estive 20 minutos a remar para me safar de uma parede de recife. Consegui sair aproveitando uma acalmia. E no dia seguinte, estava outra vez dentro de água”. “Sempre geri muito bem o medo e a adrenalina. E sempre fui persistente.” Patrícia imagina-se a surfar sempre, mas acha que o tamanho da prancha vai aumentar... E para quem tem mais de 20 em casa, uma há de servir...

“Surfar uma onda de três metros sem cair, sem ter medo, é uma adrenalina... A sensação de me meter em cima de uma prancha e deslizar até à praia é a maior de todas as loucuras...”, partilha. Teresa destaca outros ensinamentos do surf, como “aprender a observar antes de agir”. “Na vida, isso ajudou-me a chegar às coisas, mesmo que não seja pela via mais direta... E quando me perguntam se o surf é perigoso, respondo sempre que é mais perigoso fazer a 2ª Circular (via lisboeta com tráfego intenso) todos os dias...”



Nos seis anos em que geri uma empresa, a hora de almoço foi sempre passada a surfar. “Era a minha hora”, explica Filipa

O amor à arte de cavalgar as ondas pega-se. Que o diga Filipa Leandro, cuja filha de 8 anos já treina para ser surfista profissional. Francisca, uma loirinha de olho azul e cabelo revoltado, acaba de chegar de uma manhã passada no mar de Carcavelos. Foram mais de quatro horas dentro de água, das 8h às 12h, mas Francisca — Kika — não acusa o cansaço. Adora “apanhar ondas”. A partir dos 6 anos, via a mãe surfar e apetecia-lhe fazer o mesmo. “Ela não apanha ondas grandes”, diz Filipa, como a querer sossegar-nos. “No máximo, ondas de um metro”, diz, esquecendo que essa é a ‘medida’ das ondas de muitos adultos.

Surfista desde os 18 anos, Filipa pega na prancha sempre que pode. “Sou uma surfólica”, assume. Para ela, as ondas estão sempre boas... Mãe de três filhos, de 10, 8 e 2 anos, tem uma casa cheia de amantes das pranchas: o marido,



californiano, que conheceu por causa do surf e que “é um ótimo surfista”, o filho mais velho e a rapariga do meio...

Desde os 10 anos que o surf lhe era familiar, quando o irmão mais novo praticava e tinha um grupo de amigos surfistas. Mas só muito mais tarde, aos 18, comprou a primeira prancha, “por oito contos” (40 euros), e se lançou ao mar. A competição surgiu quase de imediato, porque havia muito poucas raparigas surfistas em Portugal. Mas essa não era a sua praia. “Sempre fui muito mais adepta do *freesurf*, não gostava do stresse das competições”, conta. E quando engravidou do primeiro filho disse adeus a uma década a competir. O surf, contudo, ficaria para sempre. “O meu filho tinha um mês quando recomencei a surfar, várias vezes por semana”, conta. Na altura, estava na Califórnia, onde viveu dois anos e meio.

Durante os seis anos em que foi gerente de uma empresa, aproveitava a hora de almoço, todos os dias, para surfar. “Engolia qualquer coisa rápida para poder ir para dentro de água. Aquele momento dava-me a energia de que eu precisava para recarregar baterias e aguentar o stresse do emprego e dos filhos. Era a minha hora. Como eu, há milhares de pessoas que largam o fato e gravata à hora de almoço e vão surfar.” Para ela, que fez parte da primeira geração de surfistas em Portugal, “é extraordinário ver tantas mulheres a surfar tão bem”.

**A nova geração.** Francisca Pereira dos Santos, 21 anos, a campeã nacional de 2010, já cresceu com o surf feminino mais popularizado. Praticante há nove anos, iniciou-se com a irmã mais velha, quando esta ganhou

**PASSAR O TESTEMUNHO**  
O AMOR DE FILIPA LEANDRO PELO SURF PASSOU DIRETAMENTE PARA A FILHA DO MEIO, FRANCISCA, QUE ACOMPANHA A MÃE DESDE OS 6 ANOS. HOJE, COM 8, TREINA PARA SER SURFISTA PROFISSIONAL





**PIONEIRA** PATRÍCIA LOPES, 44 ANOS, FOI CAMPEÃ NACIONAL 11 VEZES. DEPOIS COMPETIU LÁ FORA, ATÉ SE FARTAR. "ACHO QUE FUI A SURFISTA DO MUNDO INTEIRO QUE MAIS COMPETIU", DIZ. NA FOTO, COM A SOBRI-NHA CATARINA, DE 15 ANOS, QUE ENSINOU A SURFAR

umas aulas num concurso de rádio. Durante um mês, recebeu lições na praia do CDS, na Costa da Caparica — “na primeira onda pus-me logo em pé, numa *long-board*”, conta. No fim do verão, voltou à praia com mais regularidade e foi, aos poucos, diminuindo o tamanho da prancha — hoje, surfa com uma 5’8. Encontro após encontro, concurso após concurso, começou a vencer campeonatos. Ganhou a primeira prancha assim, num encontro de amadores, longe de sonhar que um dia acumularia 14 em casa — “no quarto, na varanda... A minha

mãe dá cabo de mim”, confessa. Até que se sagrou campeã nacional, em 2008, e se estreou nos campeonatos europeus, em que competia com atletas de outra qualidade. Distinguiu-a o facto de ser muito competitiva.

Admira a atual campeã do mundo, Carissa Moore, e a australiana Bethany Hamilton, que considera “pessoas especiais”. Dos 17 aos 21 anos, concorreu em certames europeus e na seleção, viajou para França, Espanha, Marrocos, África do Sul, Brasil, Peru, Califórnia, Taiti, Austrália, Maldivas e Indonésia... Conquistou o 2º lugar no campeonato europeu, em Espanha, e o 16º no mundial, no Brasil. Sempre sem deixar os estudos para trás...

Hoje está no 2º ano de Gestão da Universidade Nova e admite que gostaria de continuar a viajar e a competir, mas reconhece que dá muito trabalho. Num semestre de cinco meses de aulas, falta um mês e meio, por causa dos campeonatos... Acha que vai surfar sempre, mesmo que abandone a competição. “Quando saio da água, é como se passasse para outro mundo. Sinto leveza. Todos os dias o surf é diferente. As ondas, o vento... Estar ali aquelas duas horas, sem telemóvel... é ótimo.” ■

unica@expresso.impresa.pt



“Surfar uma onda de três metros sem cair, sem sentir medo, é uma adrenalina... Uma loucura!”